

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA



**MÉTODOS PEDAGÓGICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO
INFANTIL PARA CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS**

LARISSA GOMES GARCIA

GOIÂNIA
2022

LARISSA GOMES GARCIA

**MÉTODOS PEDAGÓGICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO
INFANTIL PARA CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS**

Monografia elaborada para fins de avaliação total de trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado

GOIÂNIA

2022

LARISSA GOMES GARCIA

**MÉTODOS PEDAGÓGICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO
INFANTIL PARA CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, julgado adequado para a obtenção do título de graduada em Pedagogia, aprovado em sua forma final, em ____/____/_____.

Prof.^a Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado

Conteúdo: (até 7,0)_____()

Apresentação Oral: (até 3,0)_____()

Banca examinadora:

Prof.^a. Convidada: Ma. Raquia Rabelo Rogeri

Conteúdo: (até 7,0)_____()

Apresentação Oral: (até 3,0)_____()

Nota final:_____()

GOIÂNIA

2022

DEDICATÓRIA

“Ao Rei Eterno, o Deus único, imortal e invisível,
sejam honra e glória para todo o sempre. Amém.”
(1 Timóteo 1:17)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde e inteligência para cursar uma graduação, e dado condições para concluí-la. Também, por me dar força nos momentos difíceis e estar sempre ao meu lado me sustentando na fé, guiando e dando motivos para viver e fazer a Tua Vontade.

Agradeço aos meus pais por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida acadêmica. E por me darem toda condição de entrar na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a melhor universidade do Centro Oeste, a qual sempre tive o desejo de estudar. Obrigada por todo apoio durante minha jornada estudantil. Também agradeço ao meu irmão por estar sempre comigo.

Obrigada à professora Ma. Suely Amado por estar sempre ao meu lado, me orientando verdadeiramente com seus conhecimentos de forma amorosa, carinhosa e com paciência.

Agradeço a todos os meus professores do curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades, que tanto contribuíram na construção do meu conhecimento. E, também, a todas as pessoas que durante a graduação passaram pela minha vida, principalmente minhas amigas mais íntimas, que ganhei na universidade, Karen Silva e Lidia Silveira.

E às minhas amigas que estiveram comigo durante a jornada universitária, mesmo de outros cursos, desde o começo da graduação, me aconselhando, me orientando e ajudando a alcançar a excelência do curso de Pedagogia. Juliana Galvão e Mylena Santiago, amo vocês!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, com o título “Métodos Pedagógicos e suas contribuições na Educação Infantil para crianças de 4 a 5 anos”, tem como objetivo analisar o trabalho pedagógico do educador em prol do desenvolvimento infantil. A metodologia serviu de diretrizes para a pesquisa bibliográfica, e a escrita desta monografia II utilizou-se de obras, documentos, textos acadêmicos e artigos científicos que tratam da temática. Os autores principais foram Matui (1995), Kuhlmann Jr. (1996), Perrin (2018) e Beck (2016). Esta pesquisa possibilitou a compreensão do método pedagógico tradicional, e sua contribuição com o surgimento da Creche no Brasil, seu significado e função no atendimento das crianças de 0 a 6 anos de idade. A Creche adota o modelo tradicional, tendo como objetivo moldar o futuro das crianças. No decorrer da história surgem documentos como a Constituição de 1988, o ECA e leis que estabelecem o atendimento nas creches e pré-escolas, além das contribuições teóricas na área infantil que foram importantes para entender a etapa que a criança se encontra. Nesse contexto, perceber a necessidade de metodologias avançadas para contribuir no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e biológicas passou a ser uma realidade da Educação Infantil hoje. Assim, este trabalho destaca as análises às metodologias utilizadas na Educação Infantil e reforça ao educador o dever de saber a metodologia que será ideal para atender a realidade da criança e para ajudá-la a aprender. Sabe-se que o educador precisa se qualificar, pesquisar, conhecer algumas metodologias, principalmente as mais utilizadas no momento, que são as metodologias ativas, a fim de causar na criança o desejo de aprender com leveza e prazer.

Palavras-chave: Educação Infantil; Criança; Educador; Metodologias Ativas.

ABSTRACT

The present work of conclusion of the Pedagogy course, with the title “Pedagogical Methods and its contributions in the Infantile Education for children from 4 to 5 years old”, aims to analyze the pedagogical work of the educator in favor of child development. The methodology served as guidelines for the bibliographic research, and the writing of this monograph I used works, documents, academic texts and scientific articles that deal with the theme. The main authors were Matui (1995), Kuhlmann Jr. (1996), Perrin (2018) and Beck (2016). This research made it possible to understand the traditional pedagogical method, and its contribution to the emergence of day care in Brazil, its meaning and function in the care of children from 0 to 6 years old. Creche adopts the traditional model, aiming to shape the future of children. In the course of history, documents such as the 1988 Constitution, the ECA and laws that establish care in day care centers and preschools appear, in addition to theoretical contributions in the children's area that were important to understand the stage that the child is in. In this context, realizing the need for advanced methodologies to contribute to the development of their cognitive and biological capacities has become a reality in Early Childhood Education today. Thus, this work highlights the analysis of the methodologies used in Early Childhood Education and reinforces the educator's duty to know the methodology that will be ideal to meet the child's reality and to help him learn. It is known that the educator needs to qualify, research, know some methodologies, especially the most used at the moment, which are the active methodologies, in order to cause in the child the desire to learn with lightness and pleasure.

Keywords: Child education; Child; Educator; Active Methodologies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO I EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA COMPREENSÃO DE CRIANÇA E O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	11
1.1 Educação Infantil.....	11
1.2 Surgimento das instituições educacionais para crianças de 0 a 6 anos de idade.....	16
CAPÍTULO II APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO A PARTIR DAS TEORIAS	21
2.1 Pedagogia Tradicional.....	21
2.2 Construtivismo Sócio-histórico ou Sociointeracionista	24
CAPÍTULO III PROPOSTA DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL	29
3.1 Metodologias Ativas	29
3.1.1 Propostas Pedagógicas Desenvolvidas na Sala de Aula com as Metodologias Ativas.....	30
3.1.2 Práticas de Metodologias Ativas	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	40

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta métodos pedagógicos importantes para a contribuição na educação infantil, com crianças de 4 a 5 anos. Durante as pesquisas e estudos foi possível compreender e fazer reflexões a respeito das abordagens pedagógicas tradicional, construtivista e metodologias ativas, pensando em prováveis desafios que esse objeto de estudo pode desenvolver, com abordagem voltada para a necessidade das crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil.

Esta pesquisa foi desenvolvida em dois capítulos: no capítulo II, pesquiso autores como Perrin (2018), que aborda a Pedagogia Tradicional, bem como Macedo (2006), com os Métodos Tradicionais dentro da abordagem inatista, e, ainda, Whatley (2019), que fala da Educação Tradicional como aquela que prepara os alunos para a prática, para o futuro e para o trabalho. No final do século XIX, no Brasil, precedidas pela estruturação do capitalismo, o autor Kuhlmann Jr. (1996) considera o ano de 1899 como o do surgimento das creches, que passaram a ocupar o cenário da assistência à Infância Brasileira, no sentido de atender as crianças de 0 a 6 anos de idade, as quais precisavam de cuidados durante a jornada de trabalho das suas mães. Para Rizzo (2003), o capitalismo trouxe a necessidade do surgimento das creches para atender as mães. Em se tratando das creches, no Brasil, temos as seguintes legislações: a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da **Criança** e do Adolescente (ECA), e a **Lei** nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Neste cenário da Educação Tradicional a criança era vista como um ser frágil, que precisa de proteção dos adultos, das instituições não governamentais e governamentais. A Pedagogia Tradicional tinha como princípio adaptar o indivíduo à sociedade, e fazer com que ele assimilasse vários conhecimentos referentes à cultura ou à ciência, assim, o aluno que melhor adquirisse as informações escolares estaria preparado para o mercado de trabalho.

A "**Lei** de Diretrizes e Bases da **Educação** Nacional (LDB)" - **Lei** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1990 aborda a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Anísio Teixeira (1933) enfatiza a importância de a Educação Infantil para a criança ser inserida na pré-escola, de não ser somente preparada na saúde física, mas no desenvolvimento geral, como: crescimento, habilidades mentais, desenvolvimento intelectual, socialização e, principalmente, a criatividade

com os brinquedos e brincadeiras. Santos e Cruz (1999) nos mostram que atividades lúdicas são fundamentais na idade infantil, pois para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR. Tudo isso faz parte da pedagogia da Educação Infantil, sendo o lugar que a criança se desenvolve em todos os aspectos, momento em que é estimulada nos seus talentos e habilidades inatas. A Educação Infantil é uma das mais importantes etapas da formação da criança, pois nela a criança começa a experimentar o mundo fora do núcleo familiar, faz novos amigos, aprende a conviver com as diferenças e começa as descobertas em todas as áreas do conhecimento.

Na Pedagogia Tradicional a função do professor é cumprir o Projeto Pedagógico da Escola com planos de aulas já definidos, e sem questionamentos ou reflexão dos seus alunos. Os métodos são expostos pelo professor, que é considerado o sujeito ativo do processo de ensino, e o aluno sujeito passivo no processo aprendizagem.

Para contrapor a pedagogia tradicional, Jean Piaget pensa numa proposta inovadora para a educação, que é o pensamento construtivista, em que o conhecimento é entendido como um processo de construção em que a pessoa – ou o aluno – deve passar para se desenvolver como ser humano. O construtivismo possibilita ao educador construir várias propostas pedagógicas orientadas para as ações, com objetivo de as crianças tornarem-se agentes ativos e não passivos e receptores das informações entregues passivamente, como costuma ser na pedagogia tradicional.

No capítulo III são abordadas as Metodologias Ativas para a Educação Infantil, quando se inicia a base do conhecimento científico. Caio Beck (2018) aborda que no século XXI as Metodologias Ativas estão sendo muito utilizadas na proposta pedagógica das escolas, e a definição de Metodologias Ativas se dá por meio da análise crítica dos métodos pedagógicos tradicionais, ressaltando as atividades pedagógicas desenvolvidas na sala de aula. Quando o educador utiliza estas metodologias, consegue definir formas atualizadas do fazer pedagógico e do ensinar, através das criatividades junto aos materiais didáticos e às tecnologias oferecidas pela escola, com objetivo de tornar a criança protagonista da sua aprendizagem. Utilizar as Metodologias Ativas requer que o educador motive a criança ao diálogo com os coleguinhas, explore sua história de vida e incentive suas experiências. Além de atender às necessidades de aprendizagem dos educandos, o

educador precisa conhecer suas crianças na sala de aula para saber do interesse e da forma de aprender de cada um. Para Leite (2021), o educador que trabalha em Educação Infantil com Metodologias Ativas deve colocar a criança como protagonista do seu processo aprendizagem de forma participativa.

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA COMPREENSÃO DE CRIANÇA E O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo será abordado o surgimento da Creche no Brasil para crianças de 0 a 6 anos de idade, o surgimento da Educação Infantil e as transformações sociais que possibilitaram mudança positivas nesta área.

1.1 Educação Infantil

As grandes transformações sociais ocorridas no século XVII contribuíram decisivamente para a construção de um sentimento de infância. Na concepção de Santos e Cruz (1999), estudiosos e pesquisadores da área infantil têm mostrado um novo conceito de *criança*, o qual nos permite conhecer seu desenvolvimento e sua evolução biológica, cronológica e cognitiva, possibilitando-nos compreendê-la como sujeito que, desde pequeno, está inserido num contexto familiar, social e escolar que permite a ele se tornar um sujeito ativo.

As contribuições teóricas da área infantil são importantes para entendermos a etapa em que a criança se encontra para desenvolver suas capacidades cognitivas e biológicas. Santos e Cruz (1999) nos mostram que atividades lúdicas são fundamentais na idade infantil, pois para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR. Estudiosos que iniciaram os estudos na área infantil demonstram que, ao longo da história, a criança nem sempre foi considerada como é hoje. Antigamente, ela era considerada como um ser ingênuo, inocente, graciosa ou ainda imperfeito e incompleto. Essas noções eram um fundamento básico do conceito de criança, entendida como um miniadulto.

Santos e Cruz (1999) descreve que na faixa etária de zero a três anos as mudanças que ocorrem na criança são rápidas. Por isso, a qualidade da formação tem que ser excelente, pois neste período vai começando a formar a personalidade da criança. O seu desenvolvimento nesta faixa etária será a formação básica fundamental para sua vida futura, por isso a importância dela está acompanhada de uma instituição de ensino e de pedagogos preparados para este trabalho. A infância é composta por uma sucessão de processos e etapas. O desenvolvimento dos sentidos, da afetividade, da linguagem, da motricidade e da inteligência integral é

contínuo. Portanto, percebe-se que todas as fases pelas quais a criança passa são importantes para o seu desenvolvimento.

Para Santos e Cruz (1999), precisamos entender cada processo de desenvolvimento da criança a fim de fazermos intervenções na sua formação cognitiva e biológica. Como exemplo, uma forma de compreendê-la é através da observação nos momentos das brincadeiras. Sabe-se que a criança aprende todas as outras coisas através do brincar, como: falar, sorrir, socializar, correr e andar. Dessa forma, o brincar (o jogar) contribui para o seu desenvolvimento motor. Para cada etapa infantil existem tipos específicos de jogos. Por isso, o jogo tem uma função importante neste processo. Na obra de Santos e Cruz (1999) são ressaltadas importantes experiências sobre a origem do brincar, vejamos o que diz o autor:

Os bebês assim que nascem usam o punho, os dedos e os polegares para estimular a zona erógena oral. Após alguns meses passam a gostar de brincar com objetos como a ponta do cobertor, uma fralda, uma bola de lã, que lhe tornam vitais para o uso no momento de dormir, constituindo-se em defesa contra a ansiedade. Esse fenômeno é chamado de “objeto transicional”. É tão verdadeiro que os pais ao perceberem tal apego levam esses objetos consigo nas viagens para acalmarem os bebês. Depois evoluem para brinquedos como bonecas, ursinhos macios, bolas ou qualquer outro. A necessidade desses objetos específicos começa em data muito primitiva, a partir dos quatro meses, e pode reaparecer em idades posteriores, sempre que a privação ameaça. O objeto transicional é simbólico. No início pode representar o seio da mãe, depois a própria mãe, uma pessoa, um animal de estimação ou qualquer outra coisa que seja importante para ele, e é utilizado nos momentos de solidão ou quando o humor depressivo se manifesta. (SANTOS; CRUZ, 1999, p. 14).

Como vimos, para Santos e Cruz (1999) a criança de dois anos deixa de ser bebê e inicia uma grande transformação durante esta fase, como, por exemplo, sua postura no ato de correr, falar, andar, brincar e aprender coisas novas. Nos três anos de idade, a criança passa para segunda infância, sendo considerada a fase da “maioridade”, a fase em que normalmente inicia-se a educação infantil. Em algumas instituições, essa fase ainda permanece como creches, sendo locais de acolhimento às crianças até 2 anos de idade.

Kuhlmann Jr. (1996) considera o ano de 1899 como o do surgimento de creches, que passaram a ocupar o cenário da assistência à Infância Brasileira, enquanto os Jardins de Infância eram considerados educativos, tornando-se a principal modalidade de atendimento aos pobres. A creche se torna uma instituição em expansão desde a década de 1970 no Brasil, mas o histórico de sua implantação é marcado por omissão estatal, filantropia, ausência de orientação pedagógica, entre

tantos outros problemas que contribuiriam para que as creches fossem vistas como locais de acolhimento.

O atendimento às crianças em creches e pré-escolas na área da educação é garantido pela Constituição de 1988, que dá o primeiro passo rumo à superação ao atendimento assistencialista até então predominante nos programas de atendimento à infância. Encontram-se no Art. 6º os direitos sociais à educação, à saúde, à alimentação, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância, e à assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (EC nº 26/2000, EC nº 64/2010 e EC nº 90/2015). Este atendimento é dever do Estado, de tal modo a oferecer educação de forma gratuita. Vejamos no inciso XXV da Constituição de 1988, na página 19, a garantia à assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 anos de idade em creches e pré-escolas. Nesta época houve um aumento significativo de procura para matrículas em creches e pré-escolas, e na faixa etária de 0 a 6 anos de idade, da integração das creches nos sistemas de ensino, saindo assim da área de assistência social. Passou-se a contar com educadores capacitados e especializados nessa área, uma vez que são poucos os educadores não especializados nessa área. O número 54, IV, do ECA, previa que as crianças de 0 a 6 anos de idade deveriam ter direito de atendimento em creche e pré-escola. A Lei nº 13.306/2016 alterou esse inciso e estabeleceu que o atendimento em creche e pré-escola é destinado às crianças de 0 a 5 anos de idade. O inciso IV da Constituição de 1988, por sua vez, traz a Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

Ao se tratar da Educação Infantil se faz necessário considerar que toda atividade do educador deve ser voltada para ensinar conceitos básicos da vida e da relação social da criança na escola, na sala de aula e com os coleguinhas, como: respeito, limites, normas institucionais, por exemplo, saber esperar sua vez de falar, saber escutar o outro, saber ocupar seu lugar na fila. Também é preciso ter uma natureza pedagógica na sala de aula, com organização, planejamento, intencionalidade, objetivos educativos, metodologia, dentre outros processos pedagógicos que prevejam a formação humana. Assim, os educadores precisam de ter conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade, daquilo que ele sabe, constituindo-se como um estudioso da área infantil ao sempre inovar suas práticas educativas.

O profissional da educação que trabalha com crianças de 0 a 5 anos em creches e pré-escolas precisa se especializar na área infantil, pois está trabalhando na formação básica da criança, sendo uma atuação muito específica e fundamental do educador, ao se tornar responsável por proporcionar às crianças experiências que auxiliam no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, como atenção, memória, raciocínio e o bem-estar em um **ambiente** cheio de pluralidade. Para atuar na Educação Infantil não deve se seguir o modelo familiar/materno de cuidado e educação de crianças pequenas, pois este modelo nega a exigência de profissionalização e tenta assegurar a figura do mero cuidador. A Constituição de 1988 vem para valorizar o profissional educador.

Oliveira (2011) faz uma crítica ao modelo higienista de ensinar hábitos de higiene. Tal método foi historicamente elaborado nos trabalhos em creches e pré-escolas, contudo, o autor defende a formação de berçaristas, com conhecimentos voltados ao desenvolvimento físico e intelectual da criança. O modelo recreacionista é um modelo cultural que propõe o preparo de animadores culturais em lazer para orientar as crianças nas instituições. Já o modelo escolar requer uma interação por completo com a criança desde o seu nascimento.

Quando falamos que o “modelo escolar requer uma interação”, estamos dizendo que na escola existem interações com o meio, com o espaço, com os adultos, com os colegas e com os brinquedos. E o como se percebe o trabalho escolar é envolvido por interações o tempo todo dentro da escola e da sala de aula, o que garante a competência pedagógica desenvolvida com a criança.

Professores de educação infantil são responsáveis por imprimir uma base sólida à trajetória escolar bem-sucedida das crianças. Dar-lhes boa formação, discutir com eles alguns dos condicionantes que fizeram a educação infantil ter a trajetória descrita são formas de confirmá-los como profissionais com competência para desenvolver propostas pedagógicas de qualidade em nossas creches e pré-escolas. (OLIVEIRA, 2011, p. 32).

A Educação Infantil é uma das mais importantes etapas da formação da criança, pois é onde ela começa a experimentar o mundo fora do núcleo familiar, faz novos amigos, aprende a conviver com as diferenças e faz várias descobertas em todas as áreas do conhecimento. Também a Educação Infantil é o início da formação básica da aprendizagem e do conhecimento do mundo letrado, para prepará-la a iniciar o ensino fundamental, sendo a introdução do conhecimento científico, pois é na educação infantil que a criança aprenderá cores, formas,

lateralidade, números, letras, dentre outras noções básicas e muito significativas para entrar na alfabetização e nos anos iniciais.

Quando se fala de Educação Infantil, pensa-se na experiência do educador da área infantil. Considerando isso, vejamos dois relatos de professoras que atuam na Educação Infantil, com experiência dentro da sala de aula em um turno como auxiliar e no outro como regente da sala de aula; a outra educadora atua como coordenadora e traz um relato de suas experiências com método utilizado na escola, faixa etária, rotina, dentre outros compartilhamentos. Seguem os relatos.

Fala da educadora da Educação Infantil:

ao mesmo tempo tem sido encantador trabalhar com criança nessa faixa etária, a gente aprende muito com elas, conhece o mundo delas que é diferente do nosso, as vezes queremos as coisas muito rápido muito acelerado, elas têm o tempo delas. Cada uma é diferente da outra, percebo isso nas atividades que nós desenvolvemos. Eu sou auxiliar de sala de aula no período da manhã e regente no período da tarde. De manhã fico mais na questão do cuidar dos materiais das crianças e delas, como levar ao banheiro, trocar a roupa, auxiliar a professora regente em questão dos materiais pedagógicos principalmente na parte lúdica. A tarde sou professora regente de 4 crianças na idade de 2 de 3 anos, tem sido desafiador por que no meu caso é o infantil 2, são crianças que não passaram pelo infantil 1. Percebo no dia a dia que muitas coisas nelas precisam ser desenvolvidas, porque a escola que estou já insere a questão da escrita do nome da criança, no objetivo de desenvolver o traçado, a gente faz muito traçado dos números, das vogais, formas geométricas, como quadrado, retângulo, triângulo, círculo. Tem sido uma experiência desafiadora porque exige muito cuidado e exige um trabalho assim para desenvolver muita coisa, questão de coordenação motora fina, coordenação motora grossa, percepção visual, espacial, tudo isso, então tem que ser trabalhado muito o lúdico, uma coisa que tenho aprendido durante esse tempo agora que estou, é que a criança realmente se atenta ao visual.

Vejamos a fala da coordenadora da Educação Infantil:

não seguimos uma metodologia, fazemos um trabalho pedagógico com projetos. Agora falando do planejamento, antes de entrar na coordenação pedagógica da escola, havia um planejamento pedagógico semanal definindo as atividades cotidianas da sala de aula. Mas agora o planejamento mudou, não tem mais divisão do dia e é feito semanalmente. Tenho apenas dois meses de experiência na coordenação pedagógica, para mim está sendo novo e desafiador e ao mesmo tempo está sendo muito bom por que estou conseguindo mudar gradativamente a visão educativa dos educadores da escola, mas fazer com que as professoras pensem na sua prática pedagógica no seu olhar para a criança, no seu planejamento, como a gente deve pensar nas ações que devem ser propostas.

1.2 Surgimento das instituições educacionais para crianças de 0 a 6 anos de idade

No final do século XIX no Brasil, precedidas pela estruturação do capitalismo, o autor Kuhlmann Jr. (1996) considera o ano de 1899 como o do surgimento das creches, que passaram a ocupar o cenário da assistência à Infância Brasileira. A palavra “creche” tem origem francesa e significa manjedoura, mas na concepção dos autores que analisam a palavra creche, por não encontrarem nessa instituição profissionais qualificados para uma educação de qualidade, passaram a chamá-la de depósito de crianças, quando as mães ingressavam no mercado de trabalho e deixavam ali suas crianças para serem cuidadas por outras mulheres, as quais trabalhavam como cuidadoras, oferecendo cuidados com afeto, carinho, estimulação saudável, de uma forma maternal para as crianças.

Enquanto os Jardins de Infância eram considerados educativos, tornando-se a principal modalidade de atendimento aos pobres, em se tratando das creches, no Brasil, dispomos da legislação avançada na área da **educação**, introduzida pela Constituição Federal de 1988, o Estatuto da **Criança** e do Adolescente (ECA), e a **Lei** nº 8.069, de 13 de julho de 1990, para a Lei da Primeira Infância de zero a três anos de idade, como “sujeitos de direito”, noção aparentemente abstrata, mas que ganha sentido no campo educacional. A Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, estabelece princípios e diretrizes para a formulação e implementação de políticas públicas para a primeira infância, em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano. Esta lei implica o dever do Estado de estabelecer políticas públicas, planos de ações pedagógicas e programas de serviços para a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral. Na “**Lei** de Diretrizes e Bases da **Educação** Nacional (LDB)” - **Lei** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diz que:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A educação infantil será oferecida em:
I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.
Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de

promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (LDB, 1996, p. 11).

Para Rizzo (2003), em meados do século XVIII, quem cuidava dos problemas de saúde da criança eram as curandeiras, mulheres de classes inferiores, que tratavam com chás, infusões e cataplasmas, feitos por elas sem nenhum conhecimento científico e sem nenhuma condição de higiene, e, dessa forma, as crianças morriam em grande quantidade.

Com o surgimento da Indústria no Brasil, no século XX, modificou-se a vida das mulheres, por terem a necessidade de trabalhar a fim de contribuir no sustento familiar. Elas começaram a trabalhar nas indústrias, e, com isso, as crianças começaram a sofrer os impactos dessa mudança, muitas delas não tinham onde ficar. Surgem, então, algumas mães que tinham maior condição financeira, chamadas de “mães mercenárias”, que cuidavam de várias crianças juntas, para que as outras mães trabalhassem fora. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras creches e pré-escolas.

Segundo Rizzo (2003), o capitalismo trouxe a necessidade do surgimento das creches para atender as mães que precisavam trabalhar fora de casa. Com as creches houve algumas mudanças e avanços de conceitos e atitudes, ampliaram-se os objetivos e responsabilidades junto à criança. Houve uma grande transformação no ambiente da criança ao longo da história, o que revela uma desvalorização por parte dos pais e da sociedade, uma vez que não tratavam as crianças com seu devido valor e com seus devidos direitos, pois elas não exerciam seus direitos e não eram respeitadas como deveriam. Mais surpreendente ainda é saber que este desrespeito pela criança ainda existe em algumas sociedades de hoje.

Para Rizzo (2003), o objetivo da creche era ser um lugar especial, para proteção da criança, disposta e disponível para aceitar seus choros, fraldas e sorrisos. Um local para potencializar seu desenvolvimento físico e mental, bem como para estimular o potencial integral da criança.

Antigamente, não havia uma parte da ciência que tratava e se dedicava sobre a educação, como a pedagogia. Em 1774, Joao Frederico Oberlin, em Paris, apresenta a primeira opção da escola para crianças de dois a seis anos. A ideia não era ser um abrigo, e nem mesmo ser uma escola de tempo integral, mas foi a primeira iniciativa de educação infantil. Oberlin criou apenas um cronograma de passeios, brinquedos, trabalhos manuais e histórias contadas com uso de gravuras.

Firmim Marbeau, em 1844, também em Paris, tem a ideia de criar a primeira creche, sendo um lugar de abrigo para as crianças que precisavam de cuidado, segurança física e psicológica, carinho, proteção do adulto, e assim foi criada a primeira instituição denominada de creche.

Em 1837, Frederic Froebel cria o que chamou de jardim de infância, com um espaço para desenvolver as potencialidades da criança e o cultivo da liberdade de pensamentos e da criatividade, era um espaço organizado como uma instituição, crescendo e sendo aperfeiçoado.

No Brasil, no Rio de Janeiro, em 1832, foi criada uma instituição de abrigo pelo Império, para órfãos abandonados pelos pais. Esta tinha apoio de vários políticos e pessoas da alta sociedade. Nesta época foi criada a “roda”, onde os bebês eram colocados e criados pelas irmãs de caridade, sendo, na maioria das vezes, filhos das mulheres da corte, as quais eram obrigadas a cometer este ato de violência e abandono, principalmente quando nasciam com deficiência física.

Conforme Rizzo (2003), as instituições foram criadas em 1858 não pelo poder público, mas exclusivamente por instituições filantrópicas, quase todas religiosas, para acolher as crianças abandonadas. Essas instituições eram consideradas depósitos de crianças abandonadas, onde existiam castigos e violência, sem qualquer pudor. A educação pré-escolar continuou por muitos anos sendo de responsabilidade filantrópica, de caráter assistencialista.

De acordo com Rizzo (2003), a creche era vista como uma correção dos incômodos que a criança trazia de casa, era vista como uma instituição corretiva. E as pessoas que ali estavam “trabalhando” eram leigas, não tinham formação pedagógicas, não tinham preparação e estudo para exercer a função de professor. Às vezes surgiam mulheres da alta sociedade para visitar e passar um tempo com as crianças.

Aos poucos a Educação Infantil começa a se transformar, com os surgimentos de pesquisadores da área infantil. No Brasil, na nova LDB, de 1996, é mencionada a creche dentro do sistema de educação infantil, para atendimento de zero a três anos, e de quatro a seis anos a educação pré-escolar, definindo-se assim a educação infantil como a primeira fase da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físicos, intelectual, psicológico e social, por fim, complementando o trabalho da ação da família e da comunidade. A Lei n. 9.394/96 ainda fala, no seu artigo 31, que a avaliação, na

educação infantil, deve ser feita mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança.

Sendo assim, a creche tornou legal o intuito de ser uma instituição educacional, sendo obrigatório o atendimento de crianças de zero a três anos, diferenciando-se do que era praticado antes, quando estava voltada para qualquer idade, sendo um lugar de assistência, bastando o oferecimento de comida, abrigo e distrações.

Hoje, não se aceita mais o conceito de que creche é depósito de crianças; creche é importante e é coisa séria. A começar pelos profissionais que fazem parte desse ambiente, que são qualificados para tais funções.

Na creche existem alguns objetivos a serem alcançados, como cuidados básicos de saúde física, mental, não tomando o lugar da família, que dever ser a maior responsável pelos cuidados. O principal que a creche oferece é educação, a partir dos três meses de vida, prestando-lhe assistência integral, cuidando de tudo que está relacionado à segurança, higiene, alimentação, afeto e, como já dito antes, educação.

Segundo Rizzo (2003), a creche proporciona descobertas individuais e coletivas para as crianças, espaço para elas se desenvolverem em todos os aspectos, oportunidade e estímulo. É um ambiente criado e adaptado para o desenvolvimento das crianças nos anos iniciais da vida dela. A creche não é um hospital, para receber crianças doentes, pelo contrário, o ideal é que ela não vá para a creche doente, e fique em casa para receber os cuidados da família.

As creches funcionavam com horários e dias comerciais de segunda a sexta feira, e, de acordo com Rizzo (2003), os horários na creche são mais flexíveis, não tem um horário certo de entrada e saída, a criança pode ir apenas um turno, das 7h às 12h, ou nos dois turnos das 7h às 17h, ou apenas em alguns dias da semana. Ainda, diferentemente da educação infantil ou pré-escola, que tem os dias certos de se fazer a matrícula, na creche pode ser feita em qualquer época do ano.

Conforme Rizzo (2003), a direção da instituição decide o seu período de férias para atender as necessidades do pessoal, reforma do espaço, obras de pintura e todas as outras burocracias, diferente das pré-escolas, maternais ou jardim de infância, que obedecem ao calendário escolar. A direção da creche, em acordo com as Secretarias Municipais, tem maior liberdade na divisão dos grupos, ou seja,

ela pode organizar ou não por faixa etária, sendo bastante comum o agrupamento misto, organizado por normas informais.

Segundo Rizzo (2003), o atendimento que se presta à comunidade infantil é desde bebês, com fraldas e mamadeiras, a crianças maiores. O intuito da creche é ter um trabalho parecido ao que as famílias oferecem nas suas residências, ao acompanhar e supervisionar as brincadeiras pelo jardim, observando a natureza, promover brincadeiras utilizando água no quintal, bonecas, desenhos, jogos, histórias, pinturas, carrinhos, caminhões e modelagem, algumas dessas atividades realizadas no horário do banho. E todas essas atividades são desenvolvidas por profissionais da área da educação, devendo ser planejadas, diferentemente do que ocorre dentro da casa, em que são dirigidas por familiares leigos.

Além dos serviços de higiene, alimentação, segurança e educação, bem como estimulação dos seus talentos inatos, envolvidos pela cultura, tradições e valores, na creche as atividades também podem ser de livre escolha da criança, fundamentada no que ela carrega, valores e capacidade intelectual.

De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Infantil tem por objetivo geral desenvolver as capacidades inatas da criança de zero a seis anos e integrá-la no meio social em que vive. (RIZZO, 2003, p. 79).

Em 1933, Anísio Teixeira enfatizou a importância de a criança ser inserida na educação pré-escolar, o que não deve ser visto somente na perspectiva da saúde física, mas no seu desenvolvimento geral, como crescimento, habilidades mentais, socialização, importância dos brinquedos. Tudo isso faz parte da pedagogia, da educação infantil, momento em que a criança se desenvolve em todos os aspectos, estimulando-se assim seus talentos e habilidades inatas.

CAPÍTULO II

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO A PARTIR DAS TEORIAS

Compreender as teorias e seus impactos para o processo de organização das práticas pedagógicas é fundamental para o professor que atua com educação infantil. Dessa forma, este capítulo apresentará duas concepções de ensino-aprendizagem para nos dar suporte na compreensão sobre como o trabalho pedagógico na educação infantil pode ser desenvolvido.

2.1 Pedagogia Tradicional

Na experiência histórica da vida estudantil tive professores que utilizavam o Método Pedagógico Tradicional, em que as escolas tinham como objetivo preparar o aluno para o mercado de trabalho. A função do professor era cumprir o Projeto Pedagógico da escola, com planos de aulas já definidos, e sem a preocupação de conhecer a realidade e a necessidade dos seus alunos em sala de aula. O trabalho pedagógico era baseado nos conhecimentos determinados pela matriz curricular, e valores passados de geração para geração, sem questionamento e reflexão dos seus alunos. As matérias eram lecionadas com pouco domínio dos conteúdos, as turmas separadas por faixas etárias e o aprofundamento dos conteúdos eram graduais. Os métodos eram expostos através da comunicação verbal do professor, aquele ente considerado o sujeito ativo do processo de ensino, e o aluno, por sua vez, um sujeito passivo no processo aprendizagem, pois o professor apresentava os conteúdos para os alunos na sala de aula, com aulas expositivas teóricas, colocadas no quadro giz/louça.

Encontram-se, ainda hoje, escolas mais tradicionais, com o professor posicionando-se em cima de um palco, e o aluno num nível abaixo do palco, distante do professor, com cadeiras enfileiradas, e dificilmente algum professor faz análises do conteúdo junto à sala de aula. A prática cotidiana é que o aluno decore a matéria estudada, fazendo a resolução dos exercícios. Neste método o professor enfatiza os exercícios, a repetição de conceitos ou fórmulas de memorização, pois através da disciplina de memorização vai se tornar um hábito de estudar para o aluno. A relação professor-aluno é distante, pois o professor é um sujeito de autoridade, muitas vezes até autoritário, sendo assim o aluno tinha um respeito ao professor por

medo da sua figura de autoridade, com isso havia organização e disciplina na sala de aula. No entanto, o aluno era colocado numa condição de sujeito-passivo diante do conhecimento.

A Pedagogia Histórica Tradicional iniciou no século XIII, e no decorrer da história da educação brasileira foi surgindo várias correntes da pedagogia tradicional. O termo *tradicional* refere-se aqui a concepções pedagógicas formuladas e sistematizadas do século XIII, na segunda metade do século XIX, onde prepondera a ação de um agente externo na formação do aluno. Tem-se como ponto de partida o conhecimento que parte das coisas tal como elas se encontram no mundo, a transmissão do saber constituído na tradição, o ensino como impressão de imagens, ora propiciada pela linguagem ora pela observação do aluno. Esta teoria veio dos gregos e dos romanos, em sua Educação Clássica. O objetivo dela é a transmissão de conhecimentos acumulados, assim, o papel do professor é figurar como o centro de tudo. Ele é a enciclopédia e cabe a ele transmitir as informações aos alunos. O aluno tem o papel de apenas ouvir em silêncio, ele é como um caderno em branco, não questiona. A Pedagogia Tradicional tem como princípio adaptar o indivíduo para sociedade, e fazer com que ele assimile vários conhecimentos, seja referente à cultura ou à ciência. Com relação ao aluno, quanto melhor adquirir estas informações estará melhor preparado para o mercado de trabalho. Portanto,

podemos, assim, usar o termo educação clássica para não só fazer referência as práticas educacionais dos gregos e romanos, mas também a educação autoritativa, tradicional, duradoura e excelente. (PERRIN, 2018, p. 11).

Quando analisamos hoje o lugar do aluno na escola que trabalha com a Pedagogia Tradicional, considerada uma metodologia antiga, questiona-se o quanto ela pode ser duradoura e de excelência, se o aluno não é valorizado como o sujeito principal do seu processo aprendizagem, porém infelizmente encontram-se professores que trabalham com este método ainda nos dias atuais. Existem professores que acreditam numa “educação de transmissão”, de passar o conteúdo já preparado durante décadas, sem atualizar e transmitir o que ele adquiriu.

Percebe-se em algumas abordagens pedagógicas exercidas em sala de aula a presença dessa proposta da Pedagogia Tradicional, como: alfabetização baseada no método fônico e na decodificação; o ensino da escrita guiada pela imitação do

professor com práticas frequentes; ensino de matemática marcado pela constante repetição de exercícios e práticas de decorar; o ensino de história fundamentado na tradição ocidental, em que pouco se trabalha a história nacional, regional e local. E a forma como o educador lida com o aluno com mau comportamento é através da disciplina, com regras. E sua forma de avaliar é através de notas: “[...] notas dadas aos alunos, na redução aos padrões acadêmicos (para que todos pudessem tirar nota 10) e na dificuldade de reconhecer conquistas excepcionais” (PERRIN, 2018, p. 29).

Segundo Macedo (2006), nos Métodos Tradicionais existem algumas abordagens, como a abordagem inatista, que exerce uma grande influência dentro da educação, e o intuito dessas abordagens é nortear a prática pedagógica dos professores. O behaviorismo é uma teoria originada por John B. Watson (1878-1958), porém teve Skinner (1904-1980) como seu principal representante.

O professor que trabalha na proposta pedagógica behaviorista, para Macedo (2006), é colocado no centro do processo; e é ressaltado como o papel principal dentro da sala de aula, é responsável pela aprendizagem do aluno. De acordo com essa teoria, o processo de ensino e aprendizagem é como se fosse uma “modelagem” ou uma ação de comportamentos desejado pelo professor. Por sua vez, o aluno é colocado como um ser passivo, que recebe o conhecimento pronto pelo professor, e sendo assim não há nenhuma possibilidade de opinião e escolha. Também se analisa que, nessa proposta, o planejamento de ensino é valorizado e organizado para nortear o professor, e assim tornar a aprendizagem mais eficiente. Portanto, tem-se a avaliação como uma forma de olhar para os resultados, valorizando o erro do aluno, com vários treinos e exercícios a fim de assim melhorar seu desempenho esperado.

A escola que adota o modelo tradicional tem como objetivo moldar o futuro das crianças e o futuro da sociedade, pois alcançando nossas crianças, alcançamos os pais, a família, uma geração, um futuro. No livro de Monica Whatley, intitulado “Moldando Mentos e Corações”, temos:

Muitos pais acolhem bem a oportunidade de ter filhos ‘espertos’. Imagine ver seu filho naquele jantar especial citando Aristóteles ou Agostinho, ou podendo discursar com facilidade a respeito da guerra do Peloponeso, sobre os antigos maias ou acerca de Marco Antônio. (WHATLEY, 2019, p. 11).

A Metodologia Histórico-tradicional é mais voltada a isso, a tradições, ensino e aprendizagem do passado, sem mudar o contexto, valorizando o presente, o que está acontecendo agora e também o futuro, o que está avançando. Nessa Metodologia, a ideia é que o aluno aprenda a pensar:

Ela cria lentes através das quais as crianças enxergam o mundo. Os alunos não meramente absorvem qualquer coisa que lhes ensinam. Eles aprendem a enxergar através dessa lente e a apreciar o conhecimento à luz de uma compreensão mais abrangente. O aluno primeiro aprende a como pensar, e aprende ao compreender os limites de sua própria compreensão, adquirindo perspectiva durante esse processo. (WHATLEY, 2019, p. 12).

Segundo Whatley (2019), a Educação Tradicional prepara os alunos para a prática, para o futuro, para o trabalho, para a vida, e com a prática começa a formar o hábito, conseqüentemente, o hábito vai formando o indivíduo, o caráter dele e seu futuro. No entanto, percebe-se que a Educação Tradicional não permite ao estudante ser sujeito do seu processo aprendizagem de forma ativa, criativa e transformadora, mas sim meros repetidores de conteúdo.

2.2 Construtivismo Sócio-histórico ou Sociointeracionista

Para contrapor à pedagogia tradicional, Jean Piaget pensa numa proposta inovadora para a educação, que é o pensamento construtivista, em que o conhecimento é entendido como um processo de construção que a pessoa – ou o aluno – deve passar para se desenvolver como ser humano. O construtivismo é um tipo de ensino orientado para a ação; seu objetivo é que os alunos se tornem agentes ativos, e não apenas recebam informações passivamente, como costuma ser o caso no ensino tradicional. Esse processo é realizado dinamicamente, portanto, o aluno deve ter uma atitude participativa e interativa.

Esta pedagogia possui diversas linhas de aplicação, cada uma tem a sua característica definida e cada escola assume uma dessas linhas para trabalhar na proposta pedagógica durante o processo ensino-aprendizagem para as crianças e adolescentes. Uma dessas pedagogias é a pedagogia construtivismo sócio-histórica ou sociointeracionista, que é baseada nas ideias de Jean Piaget, defensor de uma abordagem interdisciplinar no ensino nas escolas. Segundo Matui (1995), Piaget é um dos maiores pensadores do século XX. Matui (1995) fala que a proposta pedagógica construtivista propõe que o aluno seja parte direta do seu próprio

aprendizado, que tem como objetivo instigar a curiosidade no aluno. Sociointeracionista é uma teoria reelaborada por Vygotsky, o qual defende que o homem desenvolve a aprendizagem somente em contato com a sociedade, nesse sentido, esta teoria estuda as relações humanas em conjunto com a aprendizagem. Sendo assim, a pedagogia construtivista sócio-histórica ou sociointeracionista estimula o aluno a aprender e a tirar as próprias conclusões com base em suas experiências e na convivência com os colegas em sala de aula, bem como nas experiências vividas em casa, na família e no seu meio social.

Essa proposta pedagógica estimula os trabalhos em grupo (realizados em sala de aula), a interação com os outros alunos e a experimentação. Ela foi pensada de maneira que não houvesse avaliação, o aluno constrói o saber em cada aula, porém algumas escolas podem adaptar a proposta pedagógica e trabalhar pedagogicamente propondo atividades para serem realizadas pelo aluno, avaliando-as em forma de conceito e relatório feitos pelos professores. No entanto, essa pedagogia é muito controversa e alguns especialistas acham que ela não seja muito aplicável.

Filha do construtivismo de Jean Piaget, a psicogênese da língua escrita foi confundida com um método de ensino, mas o que puxa o construtivismo é a psicogênese da alfabetização, uma maneira mais simples e convincente de explicar essa teoria. Então agora aprofundaremos mais sobre o construtivismo sócio-histórico. O que é o construtivismo? Qual é a visão de mundo e de natureza humana mais adequada para o construtivismo? Qual é a origem dos pensamentos? Existe alguma coisa que gera o conhecimento? Essas e outras perguntas irão pairar o nosso estudo.

A teoria da psicogênese está vinculada ao construtivismo, porque ambas partem do conhecimento centrado no desenvolvimento natural do sujeito e na construção de situações de aprendizagem, onde a criança (estudante) é o agente da sua compreensão, na medida em que constrói conhecimentos vinculados aos contextos sociais nos quais está inserida.

O construtivismo é uma nova visão de mundo e da natureza humana. Na área da educação existem duas visões que se opõem, a visão fixista e a transformista. Para uma breve síntese, a visão fixista é uma visão tradicional, não iremos aqui entrar nela. Já a visão transformista:

é visão de movimento. O universo todo está em movimento. Não há nada parado [...]. Os astros estão submetidos a movimentos de rotação e translação. Os elementos do átomo circulam em movimentos rapidíssimos. Não há somente movimentos físicos, mas também, o que é mais importante, o movimento evolucionista e dialético (MATUI, 1995, p. 6).

Como vimos, para Matui (1995), todo o universo está em movimento, seja micro ou macro, isso quer dizer que está se constituindo, construindo. Os aspectos mais notáveis para essa visão são as mudanças qualitativas. As mudanças não são apenas feitas pelo excesso de quantidade, mas também de qualidade.

A aplicação do construtivismo sócio-histórico é uma prática social progressista, que leva transformação para a sociedade. O construtivismo é dialético e supõe uma visão integradora. É movimento de mudança e transformação.

Matui (1995), quanto à visão da natureza humana, mostra que duas correntes filosóficas têm traços marcantes na atualidade: o essencialismo e o relacionismo. Respiramos um ambiente essencialista sem perceber. O essencialismo considera a natureza humana dotada de essência. Ele é decorrência do fixismo, ou seja, as duas visões fazem parte do modelo metafísico de pensar, do tradicional. Na visão relacionista o homem não nasce homem, ele se faz homem durante sua trajetória, história. A causa dessa transformação que estamos falando se dá através do relacionamento.

O ser humano nasce e, ao longo da sua vida, ele vai se construindo por meio do relacionamento. Quando o ser humano é uma criança, e tem o mundo, os objetos e elementos sociais, ela não os considera, não existem, para a criança, ao nascer, pois eles também se constroem por meio do relacionamento, isso junto com o sujeito. Ou seja, ao mesmo tempo está acontecendo uma construção do objeto, da criança e até do adulto que está junto dessa relação. E também, para a visão relacionista, não há essência no ser humano, pois a essência também se faz por meio do relacionamento. E quando falamos de Educação, também não existe uma inteligência desde o nascimento. Isso vai se construindo ao longo da vida por meio do relacionamento.

O essencialismo e o relacionismo são visões da natureza humana. O essencialismo está dentro das pedagogias tradicionais e o construtivismo está dentro do relacionismo. Para Matui, “o construtivismo nasceu da epistemologia genética de Jean Piaget” (1995, p. 31). Hoje, ele recebe uma ajuda transformadora dos trabalhos de Vygotsky, Luria, Leontiev, Wallon e Nuttin, psicólogos europeus.

Na pedagogia tradicional, a criança ao ser inserida na instituição educacional era considerada como uma tábula rasa, os professores não consideravam o conhecimento prévio da criança, na vida familiar e social, considerando-as passivas e pouco receptivas, ao longo da vida se sua vida. Para os professores, a criança ao ser inserida na sala de aula vai recebendo experiências do meio educacional e os estímulos vão contribuindo para o conhecimento e o desenvolvimento da mente dela.

Para Matui (1995), o construtivismo é uma proposta interacionista em que a aprendizagem da criança não só procede o próprio sujeito e o objeto, mas a interação dos dois e dos colegas. Não há sujeito sem objeto e não há objeto sem um sujeito que construa conhecimento. No construtivismo existe o empirismo, que é uma teoria epistemológica que considera o conhecimento como algo que vem de fora, através das experiências e dos sentidos das crianças. Portanto, no construtivismo a interação social é importante para o acesso à informação, com acesso ao objeto de conhecimento.

Assim, o construtivismo é uma teoria do conhecimento que engloba numa só estrutura os dois polos, o sujeito histórico e o objeto cultural, em interação recíproca, ultrapassando dialeticamente e sem cessar as construções já acabadas para satisfazer as lacunas ou carências (MATUI, 1995, p. 46).

A proposta pedagógica construtivista significa que nada está pronto e acabado. O conhecimento não é dado, não é terminado, não tem fim, ele é construído no processo de aprendizagem da criança, portanto, é constituído pela interação do indivíduo com o meio físico e social do qual ele faz parte, por meio também de relações sociais com os outros. Neste é valorizado a mente que tem uma origem, uma gênese. O ser humano não nasce com conhecimento, mas são saberes são adquiridos ao longo da vida humana.

A proposta construtivista, como forma de ensino, ainda está se constituindo e se desenvolvendo. Tem-se, enquanto metodologia de ensino, professores dessa linha trabalhando a partir de experiências concretas, com o que os estudantes levam para a escola, por meio de questionamentos, com o que eles já conhecem, debates com os estudantes mais velhos, trocando vivências.

O papel do professor é de pensar, criar e propor atividades que estimulem as crianças a conhecer e fazer parte do grupo em sala de aula. Tendo sempre uma

conversa com o estudante; se ele não está querendo participar da aula naquele momento, tudo bem, o professor vai conversar com a criança, fazendo-se necessário tentar de uma outra forma para se chegar ao conhecimento. E o educador também pode dizer que não sabe determinadas coisas e que vai pesquisar junto às crianças, convidando os colegas para ajudarem a construir juntos o conhecimento. Assim, a proposta construtivista direciona os estudantes a construírem o conhecimento em grupo. Sabe-se que é por meio da interação entre educador-estudante, estudante-educador e estudante-estudante que acontece a educação.

No segundo capítulo propõe-se um trabalho pedagógico voltado para as crianças de 4 a 5 anos, de forma mais criativa, a fim de, assim, torná-la autônoma e sujeito do seu próprio conhecimento.

CAPÍTULO III

PROPOSTA DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo aborda a definição e a proposta das Metodologias Ativas para a Educação Infantil com crianças de 4 a 5 anos de idade. Nesta fase, elas iniciam o conhecimento científico, através das atividades pedagógicas desenvolvidas de forma criativa na sala de aula com as metodologias ativas.

3.1 Metodologias Ativas

Caio Beck (2018) mostra que no século XXI as Metodologias Ativas estão sendo muito utilizadas dentro da proposta pedagógica das escolas do Ensino Fundamental. Encontram-se nas escolas da Educação Básica vários professores e profissionais da área da Educação que procuram se qualificar e atualizar quanto aos métodos pedagógicos, procurando utilizar em sala de aula as Metodologias Ativas. Tais metodologias definem formas atualizadas do fazer pedagógico e do ensinar através das tecnologias etc. As Metodologias Ativas, antes de tudo, querem motivar o indivíduo a dialogar, explorar as histórias de vida, incentivar as experiências, e atender as necessidades de aprendizagem dos estudantes, o professor precisa conhecer seus alunos, saber do interesse e se adaptar à forma de aprender de cada estudante.

Sabe-se que nem sempre uma atividade dinâmica está sendo motivadora ou está ativando o indivíduo. O foco das metodologias ativas é ser efetivo no aprendizado, fazendo reflexões com os alunos, ao provocar o diálogo com a turma na sala de aula.

Caio Beck (2016) diz que o educador, ao pesquisar sobre estas metodologias, encontra muitas propostas pedagógicas interessantes de serem trabalhadas com seus educandos, uma delas é a *sala de aula invertida*, que é um ensino fora e dentro da sala de aula, com estudos do conteúdo antes da aula, através de apresentações, vídeos, aulas online, áudios, leitura de livros, jogos, dentre outras formas de se fazer, as quais podem se tornar metodologias ativas. Se o educador não provocar seus educandos às novas formas de aprender, sua aula se torna tradicional, com aulas expositivas, meramente demonstrativas, e, assim sendo, não será uma aula

errada, mas desmotivadora à aprendizagem do educando, pois o torna passivo e não ativo em sua própria aprendizagem.

Para se tornar uma metodologia ativa, o educador deve ativar seus educandos, fazer com que eles se sintam interessados no que ele vai falar, se sintam sujeitos do processo ensino-aprendizagem. O estudante deve ser o agente e personagem principal do seu processo aprendizagem, valorizando assim suas individualidades, seus interesses, suas habilidades. A sala de aula invertida faz parte da Metodologia Ativa, em que motiva o próprio educador a não passar atividades pedagógicas maçantes, é preciso estimular seu estudante em sala de aula. Quando se trabalha um conteúdo novo, os exemplos citados pelo educador podem não interessar o estudante, se não fizer sentido para o educando, é preciso colocá-lo no centro da aprendizagem. Se após a aula o educador promover um debate e quiser ver um resultado de prova, ou algo do tipo, essa não é uma Metodologia Ativa. Essa proposta é antiga, porém o conceito que é novo.

As Metodologias Ativas estão muito relacionadas ao preparo intelectual, pedagógico e ao domínio do conteúdo de quem ensina, exigido justamente por sua função de mediador e propositor do conhecimento. A forma de avaliar e as experiências prévias do estudante fazem parte do planejamento pedagógico do educador, a fim de verificar o processo de ensino-aprendizagem, ativando o estudante com dinâmicas, perguntas, jogos, que o levam a pensar sobre o objeto a ser aprendido. O estudante poderá também fazer perguntas, compartilhar seus desafios, sua vida. As Metodologias Ativas, antes de tudo, são propostas que provocam o educador a ouvir o estudante. Assim, se não tiver um vínculo estreito de comunicação com o estudante, se não respeitar o indivíduo e suas individualidades e se não se importar com o interesse dos estudantes não poderá ser considerado um educador que saiba trabalhar pedagogicamente com as Metodologias Ativas, pois a Educação Institucional atual exige que os pedagogos atualizem seus métodos em sala de aula.

3.1.1 Propostas Pedagógicas Desenvolvidas na Sala de Aula com as Metodologias Ativas

Demonstraremos propostas pedagógicas a serem usadas em sala de aula com crianças de 2 a 5 anos. Podemos utilizar a tecnologia ao nosso favor e nela

encontramos várias ferramentas capazes de nos auxiliar, como: livros online com imagens coloridas, chamando a atenção da criança; a TV para passar desenhos clássicos; músicas infantis exibindo imagens coloridas, que demonstram as palavras, números, animais, com objetivos claros e com intencionalidade para aprendizagem lúdica das crianças. Caracterizando-se, ainda, dentro de outras propostas pedagógicas, pode-se propor um “dia da brincadeira”, como exemplo, às sextas-feiras, com troca de brinquedos e brincadeiras com os colegas, e a partir dessa atividade a criança vai aprendendo a socializar, a dividir seus brinquedos, a respeitar o próximo e seu desejo.

Para exemplificar trago a experiência do estágio supervisionado I, em que observávamos em uma sala de aula o trabalho pedagógico da educadora regente e como ela ensinava. As crianças ficavam em uma sala que tinha uma boa entrada de ar, ventiladores e janelas grandes; era uma sala grande, com quadro branco e dois armários, um para cada professor. Neste Centro de Educação Infantil (CEI) os educadores trabalhavam com agrupamentos, a sala de aula não possuía decoração, na parede encontrava-se o alfabeto, alguns combinados de convivência e os numerais; as atividades ocorriam de uma forma lúdica, a rotina era estabelecida, porém era flexível e as crianças brincavam muito. Percebeu-se que a Proposta Político Pedagógica do CEI se baseava nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), que diz:

Segundo o artigo 9º, os eixos norteadores das práticas pedagógicas devem ser as interações e a brincadeira, indicando que não se pode pensar no brincar sem as interações: com a professora, com as crianças, com os brinquedos e materiais, entre criança e ambiente, (relações) entre a Instituição, a família e a criança (PPP, 2019).

Como estudante de pedagogia, foi possível entender que através das brincadeiras e interações as crianças aprendem e se desenvolvem, principalmente na faixa etária da Educação Infantil de 2 a 5 anos. A pesquisa “Análise Crítica dos Métodos Pedagógicos: tradicional, sociointeracionista e as metodologias ativas” despertou-me de uma forma diferente, pois percebi ao longo da produção do Trabalho de Conclusão do Curso que durante o Curso de Pedagogia estudamos, pesquisamos, e concluímos que só os estudos teóricos, na sala de aula, não são suficientes para compreender toda a complexidade da Educação Infantil, nem tudo que está implicado na aprendizagem das crianças, pois quanto mais estudamos

mais entendemos que precisamos estudar e mais vemos que temos muito que aprender para nos tornar educadores com competência nesta área.

3.1.2 Práticas de Metodologias Ativas

Ao pesquisar sobre as Metodologias Ativas percebe-se que elas favorecem o protagonismo das crianças no último ano da Educação Infantil e também no Ensino Fundamental I, pois utilizar essa estratégia de ensino é colocar a criança no centro da sua aprendizagem, envolvendo-a como protagonista. Esta proposta exige dos educadores e coordenadores um preparo intelectual, tecnológico e criativo. Existem algumas práticas de ensino e aprendizagem que são usadas para essa metodologia, como a *aprendizagem por meio de projetos*, que são baseadas em problemas e problematização, que tem o objetivo fazer com que os estudantes participem de forma colaborativa, buscando adquirir conhecimento de forma prazerosa.

Dessa maneira, a criança da Educação Infantil precisa ser estimulada pela educadora a colaborar, se esforçar e ser ativa no processo ensino-aprendizagem. O esforço estimulado pode ser de várias formas: por meio das tecnologias e pelos recursos disponíveis para esta criança. O educador não pode expor totalmente seu conhecimento, mas fazer com que o estudante busque conhecimentos e resoluções por si mesmo. Também é necessário que o educador dê feedbacks dos resultados dos seus projetos pedagógicos.

As metodologias ativas fazem com que a criança seja protagonista do seu aprendizado, ou seja, ela é aquela que busca compartilhar e aprender a trabalhar em equipe com seus coleguinhas da sala de aula. Ela se envolve em projetos e desafios, estimulando a interação com seus pares, colegas e educadores, em grupos pequenos ou grandes, utilizando jogos, tecnologias como TV com desenhos clássicos, com músicas infantis, recursos artesanais, livros infantis, tudo isso disponibilizado em uma variedade de centros de aprendizagem que atendem a diversas necessidades e interesses das crianças, além de uma estrutura física adequada. Nesta metodologia pode-se e deve-se adicionar atividades livres e planejadas, com tópicos apresentados à criança com temáticas e que estejam alinhados ao conhecimento e às habilidades, bem como sejam relacionados à linguagem, com letras, música, números, natureza, corpo humano, tecnologia e artes, como pintura e desenho.

Para Leite (2021), o educador que trabalha em Educação Infantil com Metodologias Ativas deve colocar a criança como protagonista do seu processo de aprendizagem de forma participativa, pois participar das atividades é fundamental para seu aprendizado, uma vez que envolve sua atenção ao objeto a ser apreendido e compreendido. Nas metodologias ativas o educador pode deixar a criança livre para fazer a sua brincadeira de forma que ela seja a protagonista ao realizar sua atividade. Esta atividade deve ser planejada pelo educador, e o ele deve envolver-se juntamente com as crianças naquilo que propõem, como exemplo: colocar palitos de picolé na mesa das crianças com massinhas e a criança ali brincar e aprender ao mesmo tempo, com objetivo de desenvolver a psicomotricidade motora fina como braço, mãos e dedos, atenção, criatividade, imaginação e compartilhar com os coleguinhas a forma de aprender.

Durante as atividades a educadora pode colocar músicas que trabalham com as vogais, ou que falam os números, para assim a criança apreender gradualmente através da escuta, educar-se para ouvir. Outra atividade é a caça às vogais e letras, que é também uma forma de ativar a criança para a aprendizagem oferecida pelos programas específicos no computador, neste programa o educador pode trabalhar toda a criatividade da criança ou propor o trabalho pedagógico no papel, tal modo que a criança desenhe as partes do corpo para ela começar a compreender o que tem no corpo dela. Passar desenhos clássicos para eles com intencionalidade, com cores primárias e secundárias, com vogais, números. Entregar para as crianças folhas em branco, tendo como objetivo pedagógico que elas próprias façam seus desenhos com lápis, giz de cera ou tinta, para começarem a desenvolver o traçado, espaços, cores, criatividade e imaginação. Também é importante trabalhar com jogos e peças de lego para desenvolver a criatividade, ao montar, desmontar, fazer carrinhos de subir e descer, virar, com bonecas. Outros jogos que envolvem duas a três crianças ou grupos para desenvolver em cada uma delas a aceitação do outro, iniciar a socialização para aprender a lidar com as diferenças, tudo isso é importante para seu desenvolvimento e aprendizagem na educação Infantil.

Na faixa etária de 4 a 5 anos, a criança está desenvolvendo a linguagem e procurando compreender o mundo, assim ela começa a questionar tudo ao seu redor, inicia a famosa fase dos “porquês” e o encantamento com o novo e tudo que conhece. Nesta fase o educador precisa valorizar e instigar a criança aos questionamentos e deixá-la a tomar gosto pela pesquisa e pelas descobertas do

conhecimento, e futuramente pelo saber científico. Vejamos alguns exemplos a partir do trabalho pedagógico ao utilizar as metodologias ativas, quando aparece um animal na escola.

[...] se a criança começa a observar o aparecimento de lagartas no jardim ou pátio da escola. A tendência é que ela queira saber o que aquele pequeno inseto está fazendo ali, pois não estava antes. Um professor mais atento, poderá propor um projeto com a turma, para descobrirem porque as lagartas apareceram em determinada época do ano e o que fazem naquele ambiente. O professor poderá perguntar o que as crianças sabem sobre a lagarta, valorizando assim, o conhecimento prévio das mesmas, e anotar em um cartaz. Questionar, o que elas gostariam de saber (o que as lagartas comem, onde moram, quanto tempo vivem, por que apareceram na escola). Tudo deve ser anotado em um cartaz pelo professor que terá a função de escriba (BRITO; VICCHIATTI, 2020, p. 11).

Essas perguntas devem ser escritas pelo educador, e podem ser levadas pelas crianças para a casa com o objetivo de elas pesquisarem e responderem junto com seus familiares. Após esse momento a criança poderá compartilhar sua descoberta com o educador, além de socializar o que estudou com os coleguinhas da sala de aula. As crianças poderão ainda confeccionar o cartaz desenhando ou ainda utilizando massinhas e sucatas. Ou seja, um simples conteúdo falando sobre, por exemplo, “As lagartas no Jardim” podem ser trabalhos com crianças de modo ativo. Tudo isso partindo do interesse delas, do que elas perguntam e do que elas estão vendo ali na escola, assim, desenvolvendo na criança o gosto pelo perguntar, pela pesquisa e descoberta científica. Para Brito e Vicchiatti, “[...] um estudo dessa dimensão torna-se muito mais significativo para a criança do que apenas mais um conteúdo exposto pelo professor” (2020, p. 12).

Outro exemplo de atividade pedagógica é o uso de jogos como cartas de diversas figuras infantis, números e letras, que desenvolvem e estimulam a concentração e o foco, podendo brincar com dois ou mais coleguinhas, com objetivo pedagógico de iniciar o desenvolvimento do pensamento estratégico, o reconhecimento das figuras, letras e palavras. A educadora deve planejar formas de estimular as crianças para confeccionar o próprio jogo de cartas com números e letras, podendo ser de papelão ou qualquer outro material mais firme, deixar que a criança faça a sua própria ilustração, para poder criar sua própria brincadeira, ser autora da sua aprendizagem.

Quando tratamos das metodologias ativas, estamos afirmando que o ensino por investigação, o uso de tecnologias, do teatro, a aprendizagem por

problemas, o trabalho de campo, as aulas cooperativas – apenas para citar alguns exemplos do que é considerado metodologia ativa – colocam os alunos em destaque no processo de aquisição de conhecimento (MORAES; CASTELLAR, 2018, p. 424).

Outra atividade com as metodologias ativas são os jogos digitais, podendo trabalhar o desenvolvimento da memória com adivinhações das vogais, números, animais e cores disponíveis para a criança de 4 a 5 anos. O objetivo pedagógico deve ser voltado para o aprender brincando, além de estimular o interesse de investigação da criança. Esta atividade pode ocorrer com grupo de coleguinhas, um ajudando o outro, de uma forma colaborativa no processo de construção do conhecimento, pois juntos haverá trocas ainda mais significativas, e, assim, o aprendizado será ainda melhor e maior, de forma autônoma.

Durante as atividades pedagógicas o educador deve perceber a importância da sua escuta para com a criança que está falando, expondo seu pensamento, ou tentando falar. O educador deve permitir que as outras crianças falem e escutem uns aos outros, além de ajudá-las a pensar no que está sendo falado como conhecimento.

Também o educador deve deixar a criança se desenvolver a partir da sua imaginação infantil, com criatividade para envolver nos seus desenhos, pinturas com tinta guache, num quadro branco fixado na parede com espaço para desenhar e pintar, ou desenhar e pintar com giz de cera no papel sulfite A4, em caixas de papelão ou em outros tipos de papéis. Todas estas atividades são propostas pedagógicas para iniciar a escrita da criança e, conseqüentemente, o início do letramento e da leitura.

A proposta pedagógica é promover a interação da criança com os outros coleguinhas, podendo interligar às metodologias ativas, para estimular e provocar o envolvimento nas brincadeiras pedagógicas propostas no processo de ensino-aprendizagem.

Também, a produção de maquetes é um modelo interessante para as atividades pedagógicas a serem usadas com crianças de 4 e 5 anos. O educador deve perceber se as crianças estão falando e observar em quais atividades elas estão interessadas, ainda, perceber as suas descobertas, e, a partir disso, fazer um projeto com maquete, com tema, materiais recicláveis, por exemplo, materiais provenientes da natureza e deixar com que as crianças se envolvam.

Durante o processo ensino-aprendizagem, o educador deve perceber que em algum momento será importante trabalhar com a interação e com o relacionamento junto às famílias das crianças, para auxiliá-las no engajamento das metodologias ativas que estão sendo utilizadas na sala de aula. Sabe-se que a comunicação do educador com as crianças e a família é muito importante para desenvolver suas habilidades socioemocionais, a fim de facilitar a interação do aprendiz no processo de aprendizagem, assim, surgindo um relacionamento natural, que vai fluindo de forma empática, ao ativar a capacidade da criança de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente e de querer o que ela quer, começar a sair de si mesma e perceber o outro e o que está ao seu redor.

A função do educador na Educação Infantil é de grande importância, pois a criança de 4 a 5 anos está iniciando a base do conhecimento para toda sua vida estudantil. Saber trabalhar com as propostas pedagógicas e as metodologias adequadas nesta fase em que a criança se encontra é fundamental. Além de toda rotina lúdica dentro da sala de aula, o educador é responsável por zelar da criança, acompanhando-a desde a sala de aula, pátio da escola, nas áreas de convivência, parquinho até o ambiente familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo “Métodos Pedagógicos e suas contribuições na Educação Infantil para crianças de 4 a 5 anos” levou-me a compreender e aprofundar as abordagens teóricas e metodológicas que são disponibilizadas para uso com as crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil, possibilitando a atuação e os desdobramentos pedagógicos do processo ensino-aprendizagem.

Foi possível compreender a importância das abordagens para a atuação do educador na sala de aula, bem como seu papel de educar diante da criança que está aberta ao mundo do conhecimento. Quando o educador compreende quais são as abordagens teóricas a serem trabalhadas aumenta sua capacidade intelectual e prática para realizar com excelência a sua profissão de educador.

Com esta pesquisa ficou evidente que cada criança aprende de uma forma diferente, e, por isso, devemos procurar compreendê-la no seu processo de aprendizagem, além de possibilitar a análise de suas conquistas e dificuldades na forma com que ela aprende e se desenvolve. Compreender as abordagens utilizadas na sala de aula faz com que se compreenda a criança, e, dessa maneira, se repense a importância de se planejar atividades exclusivas para o aprendiz, ao apresentarem dificuldades de aprendizagem e de convivência social.

Dessa forma, podemos responder a várias perguntas feitas para a construção deste trabalho pedagógico, além de repensar no que utilizar como material pedagógico e metodologias ativas. O educador deve ser um eterno pesquisador, buscando artigos científicos atualizados, livros e autores da Educação Infantil, documentos do MEC, LDBN, ECA, e, finalmente, as Constituições Federais direcionadas à Educação Infantil para nortear o trabalho.

Percebe-se que no surgimento da creche no Brasil não existia o professor como agente da educação, qualquer mulher podia assumir o papel de cuidadora das crianças, além de utilizarem um método tradicional. Percebe-se, através dos autores, que, em seus primeiros registros, a creche era vista como um “depósito de criança”, e que, ainda, em algumas creches havia maus tratos com os pequenos. Com o avanço das teorias pedagógicas, estes maus tratos começam a desaparecer, pois inicia-se o papel do professor-pedagogo, do agente da educação e do assistente de sala de aula, garantido por Leis para assegurarem o direito da criança de ingressar nas creches, e em seguida na Educação Infantil.

Em se tratando das creches, no Brasil, dispomos da Legislação avançada na área da **educação**, introduzida pela Constituição Federal de 1988, do Estatuto da **Criança** e do Adolescente (ECA), e da **Lei** nº 8.069, de 13 de julho de 1990, para a Lei da Primeira Infância de zero a três anos de idade, tratando os educandos como “sujeitos de direito”, noção aparentemente abstrata, mas que ganha sentido no campo educacional (Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016). Esta lei estabelece princípios e diretrizes quanto à formulação e à implementação de políticas públicas para a primeira infância, em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano. Tudo isso implica no dever do Estado de estabelecer políticas públicas, planos de ações pedagógicas e programas de serviços para a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral. Na "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)" - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dessa forma, temos as leis que amparam tanto o pedagogo quanto a criança.

Durante a minha formação de educadora no curso de Pedagogia, desenvolvi trabalhos pedagógicos como educadora da Educação Infantil, realizando projetos e atividades que ajudaram no processo de ensino e aprendizagem da criança. E analisando as abordagens aqui pesquisadas, percebe-se a diferença das atividades estabelecidas: umas no formato de quadro, com livros, crianças sentadas na cadeira; e outras sentadas no chão brincando com materiais pedagógicos produzidos por elas de forma a interagir com os coleguinhas e com a educadora. Percebe-se que até nos dias atuais encontram-se educadores com formação tradicional, mas a maioria conta com formação e compreensão do construtivismo e das metodologias ativas.

Como experiência do estágio supervisionado I, em que observávamos uma sala de aula, junto ao trabalho pedagógico da educadora regente, foquei a atenção no modo como ela ensinava. Conforme descrito ao longo do trabalho, foi no Centro de Educação Infantil (CEI) que os educadores trabalhavam com agrupamentos. A sala grande com boa entrada de ar, ventiladores e janelas grandes, quadro branco, mas sem decoração, na parede tinha o alfabeto, alguns combinados e os numerais, as atividades era de uma forma lúdica, a rotina era estabelecida, porém era flexível e as crianças brincavam muito. Percebe-se que a Proposta Político Pedagógica do CEI se baseava nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI).

Como estudante de pedagogia, por meio de pesquisa, estudos com teóricos e documentos para a construção do Projeto do TCC I e da escrita científica do TCC II, foi possível perceber que através das brincadeiras e interações as crianças aprendem com mais rapidez, com alegria, com prazer, e, assim, se desenvolvem em todas as dimensões propostas pelo Planejamento Pedagógico, principalmente na faixa etária da Educação Infantil de 4 a 5 anos. Portanto, faz-se necessário que o educador assuma sua função com responsabilidade e competência para trabalhar nesta faixa etária.

REFERÊNCIAS

ABREU, José R. P. de. **Contexto atual do ensino médico: metodologias tradicionais e ativas – necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas**. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Medicina, UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18510/000729487.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

BECK, C. Sala de aula invertida (Flipped Classroom). **Andragogia Brasil**. 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/sala-de-aula-invertida/>. Acesso em: 01 dez. 2021, 17:01.

_____. Metodologias ativas: conceito e aplicação. **Andragogia Brasil**. 2018. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodologias-ativas/>. Acesso em: 11 nov. 2021, 19:48.

BÍBLIA. 1 Timóteo. Português. In: Bíblia Sagrada: novo testamento. Tradução Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2007.

BRASIL. Casa Civil. **Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: CC/MJ, 1990.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer n. 20/2009. **D.O.U.** de 9/12/2009, Seção 1.

_____. Casa Civil. **Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010**. Altera o art. 6º da Constituição Federal, para introduzir a alimentação como direito social. Brasília: CC/SAJ, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

_____. Presidência da República. Secretária-geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas

para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília: PR/SG/SAJ, 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretária-geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.306, de 4 de julho de 2016**. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, a fim de fixar em cinco anos a idade máxima para o atendimento na educação infantil. Brasília: SAJ/SG/PR, 2016.

BRITO, Aline P. de; VICCHIATTI, Carlos A. Metodologias ativas para crianças. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. Volume Especial: Ensaios sobre Metodologias Ativas, v. 6, n. 1, jan.-dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/download/434/347>

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de (Org.). **Temas em psicologia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DARROZ, Luiz Marcelo. ROSA, Cleci Werner da. GHIGGI, Caroline Maria. Método tradicional x aprendizagem significativa: investigação na ação dos professores de Física. **Aprendizagem Significativa em Revista**, v. 5, n. 1, p. 70-85, 2015. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID74/v5_n1_a2015.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.

DIAS, Simone Regina; VOLPATO, Arceloni Neusa (Orgs.). **Práticas inovadoras em metodologias ativas**. Florianópolis: Contexto Digital, 2017. (Coleção Coccinelle).

KUHLMANN Jr., Moysés. **Histórias da educação infantil brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1996.

LEITE, Bruno Silva. Tecnologias digitais e metodologias ativas: quais são conhecidas pelos professores e quais são possíveis na educação? **VIDYA**, v. 41, n. 1, p. 185-202, 2021.

LYCEUM, Redação. Metodologias ativas de aprendizagem: o que são e como aplicá-las. **Lyceum**, 2021. Disponível em: <https://www.lyceum.com.br/>. Acesso em: 07 jun. 2022, as 17:47.

LINHA Tradicional. In: **Só Pedagogia**. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2008-2021. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/conteúdos/tradicional.php>. Acesso em: 26 out. 2021 às 00:39.

MAGALHÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, v. 18, n. 38, p. 81-142, 2017.

MATUI, Jiron. **Construtivismo**: teoria construtivista sócio histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1995.

MORAES, Jerusa Vilhena de; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

PERRIN, Chris. **Introdução a educação crista clássica**. São Paulo: Trinitas, 2018.

PPP. Projeto Político Pedagógico. Centro de Educação Infantil (AN), 2019.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 400 p.

SANTOS, Santa M. P. dos; CRUZ, Dulce R. M. da. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

UNOPAR. **O que é metodologia ativa e como usar a seu favor?** 2020. Disponível em: https://blog.unopar.com.br/metodologia-ativa/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=Unopar-EAD:L3::Display::Performance-Max&gclid=Cj0KCQiA15yNBhDTARIsAGnwe0UkmVb_u4G2ghOJh8CwYQWKyAz_KiIWLTAZ5ifulE6VkgSNn9qFyToaAuxhEALw_wcB. Acesso em: 01 dez. 2021, 17:01.

VITTA, Fabiana C. F. de; SANCHEZ, Fernanda F.; PEREZ, Renata R. M. Desenvolvimento motor infantil: avaliação de um programa de educação para berçaristas. **CEP**, v. 17044, p. 160, 2000.

WHATLEY, Monica. **Moldando mentes e corações**. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.